

FERNANDES, Ana Maria – **A Construção da Ciência no Brasil e a SBPC**. Brasília: EdUnB/ANPOCS CNPq, 1990, 192p.

Maria Lucia Maciel
Departamento de Sociologia, UnB

Esta história precisava ser escrita. Esta a opinião de Ennio Candotti (presidente da SBPC) e de José Reis (um de seus fundadores), certamente secundada por todos aqueles que se interessam pela história e o desenvolvimento da ciência no Brasil.

Mas, para além de reconstituir pormenorizadamente os fatos que compõem essa história, o principal mérito do livro de Ana Maria Fernandes é o esforço – bem sucedido – de analisar e explicar as contradições internas do Estado brasileiro, as da própria SBPC e as que emergem nas relações entre os dois. Esse mérito é o de uma capacidade de análise sociológica que não só esmiuça o seu objeto mas, ao fazê-lo, contribui para a compreensão de um tema muito mais abrangente, a relação complexa entre sociedade e estado no nosso país.

Na verdade, este trabalho situa-se na esteira de uma tradição de estudos de ciência e tecnologia da Universidade de Brasília inaugurada com o já clássico **Ciência e Estado** de Regina Morel em 1976. Essa linha de pesquisa, que procura ao mesmo tempo alargar e aprofundar a compreensão do papel da ciência e da tecnologia no modelo de desenvolvimento no nosso passado recente, assim como no presente, encontra neste livro uma excelente demonstração da relevância do tema para o futuro imediato e de longo prazo.

A contribuição mais instigante da autora ao debate sobre ciência e estado no Brasil é a análise lúcida e esclarecedora dos confrontos – internos e externos à SBPC – entre “nacionalismo/internacionalismo” e pesquisa básica/pesquisa aplicada. Ao longo de seus eixos analíticos, a autora constrói uma explicação para posições aparentemente paradoxais: por parte do governo que “dá com uma mão e tira com a outra”, expulsando cientistas e promovendo a “Operação Retorno”, reprimindo o pensamento nas universidades e aumentando o financiamento à pesquisa, tudo em nome do binômio “segurança e desenvolvimento”; e por parte da comunidade científica, que critica, colabora, resiste, se manifesta como oposição e se encanta com o fomento à pesquisa.

É no encontro dessas contradições que a autora tem seus melhores insights. Ao analisar, por exemplo, a questão crucial da autonomia da SBPC, não apenas em relação ao Estado (do qual, no entanto, depende financeiramente), mas também com relação à sociedade civil (da qual, no entanto, faz parte). É também o caso quando elabora a idéia de que “militares forneceram as

condições materiais para que os cientistas começassem a agir como ideólogos", processo em que o regime militar procurava criar "um estrato de intelectuais orgânicos" para preencher um vazio ideológico na busca de uma legitimidade perante a opinião pública.

Nesse processo contraditório, ao longo do qual a SBPC redefinirá seu papel na sociedade civil, a comunidade científica reivindica a elaboração de uma política científica coerente, com a participação de cientistas. Os fatos parecem apontar, ao mesmo tempo, para uma certa ingenuidade política e para o fato de que "talvez fosse mais fácil combater uma política científica (contraditória) do que ações governamentais desconexas". (p. 110)

Uma característica da boa ciência é sua capacidade para gerar discussão. Este livro, sem dúvida, tem esta marca de qualidade e, por isso mesmo, não escapará às polêmicas e debates. Como bem observa Ennio Candotti em seu prefácio, "Prepare-se para escrever um novo livro: 'Alguns comentários sobre a SBPC', em três volumes" ...

A "qualidade orgânica" da comunidade científica é, sem dúvida, um desses pontos polêmicos. A autora demonstra inequivocamente os pontos e os momentos em que a SBPC se aproximou dos governos militares, mas haverá – inevitavelmente – os que discutirão a hipótese da colaboração. Resta, de qualquer forma, uma polêmica teórica interessante: a qualidade orgânica, tal como formulada por Gramsci, seria conjuntural? Ou melhor, a organicidade de um grupo é determinada por circunstâncias e conjunturas? E a organicidade só se define com relação a um grupo fundamental (o dominante) ou também pode referir-se ao grupo fundamental dominado? Enfim, a discussão está aberta.

Outra medida do trabalho científico bem feito é a contribuição que ele pode dar para futuras pesquisas no mesmo campo ou em campos afins. Além de estabelecer-se como um trabalho de referência para o estudo da ciência no Brasil, o livro já apresenta, em suas páginas finais, indicações e sugestões de temas abertos pelas questões colocadas, tornando-se, assim, por mais esta razão, leitura obrigatória para os que se interessam pelo nosso desenvolvimento científico.

A pesquisa exaustiva e pertinente e, sobretudo, o bom aproveitamento e análise lúcida do material coletado, traduzidos numa linguagem acessível, sem "cientificismos" sufocantes indicam que o livro interessará a um público muito mais amplo que o que ele examina.

Para quem "milita" pelo desenvolvimento científico e tecnológico brasileiro, percorrer essas páginas que descrevem as "estranhezas e vicissitudes na história da SBPC" suscita, inevitavelmente, a idéia de que "plus ça change, plus c'est la même chose" ... Mas também instiga a continuar na luta ...

ENRIQUEZ, Eugène – **Da Honda ao Estado; psicanálise do vínculo social** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

Elimar Pinheiro do Nascimento
Departamento de Sociologia, UnB

Embora não seja necessário, Eugène Enriquez acha por bem criticar o